



Comércio de peles de animais silvestres na Amazônia durante os anos de Oitocentos.

Autor: Julia Loiola Ataíde dos Santos - UFPA
Orientador: Prof. Dr. José Maia Bezerra Neto - UFPA

INTRODUÇÃO

A exploração do reino animal quase sempre foi uma constante no cotidiano das sociedades, pois ao longo da evolução humana, a natureza sempre foi primordial para a subsistência do ser humano, já que é a partir dela que toda as atividades de sobrevivência foram norteadas, como a coleta de frutos e sementes, a caça e a pesca, seguidas da agricultura e da criação animal. No entanto, a exploração da natureza não se deu somente para a subsistência da espécie humana, foi dessa exploração que começou a haver acúmulo de capital (THOMAS, 1988). Não diferente disso, a economia da Amazônia Oitocentista seguiu tal qual ao modelo de exploração da natureza com o agroextrativismo, sendo que esse modelo econômico, tem seu apogeu no período da segunda metade do século XIX, em que houve o maior volume de recursos arrecadados proveniente das exploração da borracha (LIMA LEANDRO, 2020). No entanto, essa atividade econômica não se baseava somente na coleta do látex nos seringais, outros produtos originários da natureza como o cacau, o cravo, a salsa e as peles de animais, também faziam parte dos produtos produzidos, coletados, exportados e consumidos pela província do Grão-Pará. Sobre esse comércio de peles de animais silvestres na província Grão Paraense, são raros os estudos que priorizem a análises deste produto na historiografia, no entanto, nos relatórios provençais, nas áreas de periódicos que se dedicam a tratar de economia, nas cartas e diários de viajantes, este produto aparece com uma certa frequência. Nesse sentido, esse estudo visa compreender a rede de comércio em torno das peles de animais silvestre, buscando analisar seus aspectos econômicos e sociais

METODOLOGIA

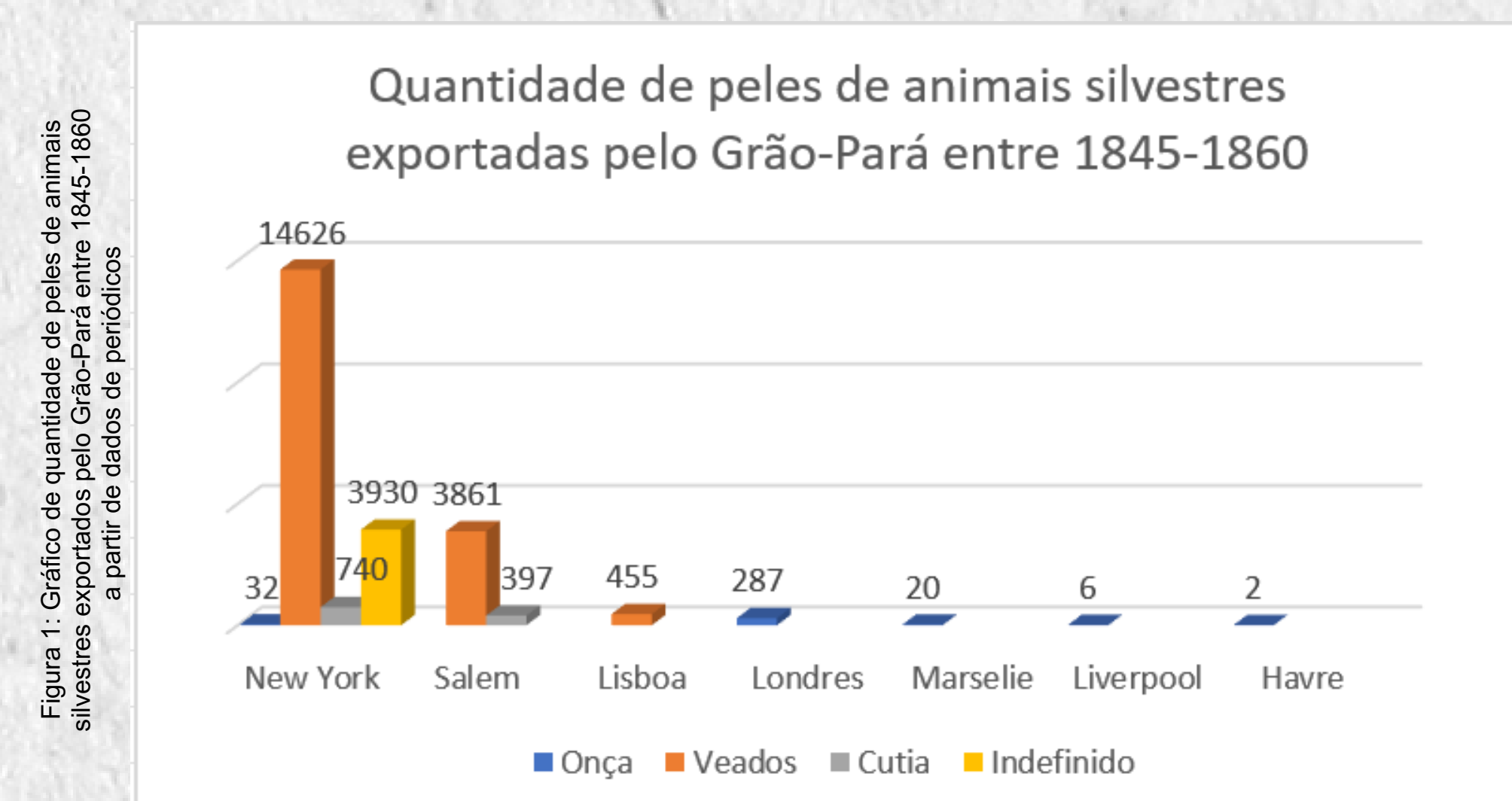
Para dar conta dos objetivos deste trabalho, duas linhas de pesquisa teórico metodológico estão sendo travadas, a primeira diz respeito a entender os aspectos econômicos do comércio de peles animais silvestres na segunda metade do século XIX. Já a segunda, procura entender as particularidades desse comércio a partir de seus sujeitos. Assim, diversas são as fontes utilizadas nesta pesquisa, inicialmente o trabalho se dará nos periódicos, o Jornal Treze de Maio, o jornal Gazetta Oficial, A Época, folha política commercia e noticiosa, pois através desta pesquisa é possível rastrear as informações, ainda que pontuais, sobre as exportações de peles, bem como possíveis notícias dos sujeitos que trabalham na caça dessas peles já que é notória que a produção de peles de animais silvestres decorre da caça. Logo, os indícios que possam ser encontrados nesses periódicos, poderá ser válido para a presente pesquisa. Os periódicos que iremos trabalhar encontra-se nos acervos da Biblioteca do Grêmio Literário Português, da Biblioteca Pública do Estado do Pará e no Site da hemeroteca da Biblioteca Nacional.

DESENVOLVIMENTO

Sobre a pesquisa do comércio de peles de animais silvestres na província do Grão-Pará, resultados preliminares apontam para a existência de uma rede complexa de comércio desse produto, já que nos periódicos estudados, há uma recorrência de notícias que buscam informar sobre a compra, venda, importação ou exportação das peles, de modo que, na Pauta semanal do jornal Época, pode-se notar que há o tabelamento dos preços das peles e há pouca variação do valor do produto no decorrer do tempo. Os couros de veados têm seu preço estimado entre \$550-\$600 Reis, enquanto as Peles de Onças 4\$000 Reis e os de Cutia \$120 Reis.

Os periódicos também nos mostram que esses produtos eram consumidos no interior da província, na sessão de “Avizos Diversos” do jornal Treze de Maio, é possível ver vários estabelecimentos solicitando a compra das peles de animais silvestres, a exemplo do educando, quem em 24 de março de 1847 fez o seguinte pedido: “O Estabelecimento dos Educandos perciza comprar para alimento, vistuario, calçado dos mesmos Etucandos em todo o mez de Abril proximo futuro o seguinte:[...] couros de cotia, ou viado já cortidos, e outras miúdezas[...]”. Assim, nota-se que há o consumo interno desse produto e o mesmo é presente no cotidiano da vida na província do Grão-Pará.

Para além do consumo interno, há a participação desses produtos na balança comercial de exportação, sendo a cidade americana de New York a maior compradora dessas peles, em especial as de veado e Cutia. Já a cidade de Londres compra a maioria das peles de Onças exportadas pelo Grão-Pará, talvez impulsionada pela Era Vitoriana, momento marcado pela moda exagerada. No gráfico a seguir, pode-se ver melhor a quantidade de peles exportadas pelo Grão-Pará entre os anos de 1845-1860 a partir de dados coletados em 3 periódicos, o Jornal Treze de Maio, o Jornal A Época e o jornal Gazetta Oficial.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para além dos resultados parciais já encontrados, a pesquisa se encaminha no sentido de dar conta dessa rede de comercio em torno das peles de animais silvestres em outras documentações, como os relatórios da província, diário de viajantes e por fim buscar compreender os aspectos sociais desse comercio.

REFERÊNCIAS

LOPES, Siméia de Nazaré et al. O comércio interno no Pará oitocentista: atos, sujeitos sociais e controle entre 1840-1855. 2002.

THOMAS, Keith. O Homem e o mundo Natural. São Paulo: 1988.

BEZERRA NETO, José Maia. Um passeio pela história do Pará oitocentista: sociedade, economia e política. IN: BEZERRA NETO, José Maia (org.). Por uma história mercantil do Pará: sociedade, política e economia (séculos XVII-XIX). Belém: Cordovil Ebooks, 2021. PP. 59-85. E-book Disponível em: <https://livroaberto.ufpa.br/jspui/handle/prefix/1020>. Acesso em: 28 de fevereiro de 2024.

DE LIMA LEANDRO, Leonardo Milanez; SOARES, Marina Lira; BATISTA, Péricles Delmondes. JORNAIS COMO FONTE PARA O ESTUDO DA ECONOMIA DE COUROS E PELES NA AMAZÔNIA. Das Amazônias, v. 3, n. 2, p. 86-102, 2020.